

BRASIL-PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1904

N.º 142

PORTUGAL



SANTAREM — Presidio militar

CHRONICA

ESTA quinzena abriu mal. Inaugurou-se com uma noticia profundamente inquietante e horrivelmente triste: um vapor portuguez, em viagem de Lisboa para o Extremo-Oriente sossobrára no mar Vermelho. A principio carregava-se a noticia das cores mais sombrias, e na tarde em que ella se espalhou, havia até quem julgasse perdidas todas as vidas. Felizmente o mal não fôra tão grande, e os telegrammas officiaes recebidos desde logo restabeleceram a verdade do acontecido.

O vapor que era o *S. Thomé*, pertencente á Empresa Nacional de Navegação, sahira do canal de Suez no dia 23 depois de ter tido uma viagem accidentada no Mediterraneo. Em Suez tomou como é costume um pratico arabe, porque o mar Vermelho é de navegação difficil, e seguiu o seu rumo indicado pelo capitão e confirmado por um distincto official da marinha o sr. capitão-tenente Loforte que ia a bordo como delegado do Governo. Mas na noite seguinte o pratico arabe disse que a viagem ia errada e mudou de rumo. Era noite, tempestuosa e negra. Naquelle sitio o mar Vermelho é cortado ao meio por uma grande ilha Perim, a que os antigos chamavam Diodori, e que divide o mar em dois canaes, um do lado da Africa, com 70 kilometros de largura, innavegavel e outro com 3 kilometros do lado da Asia. As margens quer de um lado, quer do outro são talhadas a pique, aridas e escavadas. O vapor seguindo pela parte innavegavel n'essa triste noite de 24 de novembro foi encalhar. Como os bancos são graníticos, apresentou logo um aspecto medonho o rombo feito, e pelo qual a agua entrou em catadupas no porão da prôa.

Que momento doloroso deveria ser esse! Faltam ainda pormenores que d'aqui mais a alguns dias se conhecerão, mas todos podem recon-



Um tripulante da baleeira do vapor *S. Thomé*

O guarda marinha Manoel Pinto Basto

Filho dos ex.^{mos} viscondes de Athougua

struir no seu pensamento essa tragedia horrorosa que poderia ter victimado centenas de pessoas, que durou quatro longos dias, e que provocou uma d'essas façanhas de navegação que parece arrancada a uma historia do seculo xv!

Estava o vapor encalhado e com um rombo que a muito custo mal se remediára, e estava encalhado exactamente do lado do mar Vermelho onde não ha navegação. Toda a esperança de socorro era portanto baldada!

Foi então que se lançou ao mar uma baleeira, com uma pequena tripulação commandada pelo immediato do vapor, e por um guarda marinha da nossa armada. Fez-se ao largo a microscopica embarcação, e pairando na linha de navegação, arrostando com as ondas, mas vencendo-as sempre como se a sua fragilidade suffocasse invisivelmente a bravura do mar, lá andou não minutos, mas horas e horas, até que no dia 29 avistou um vapor inglez *Olan-Makey* que lhe prestou todo o socorro pedido. Vidas, e haveres tudo se salvou; apenas lá ficou a carga que o heroico capitão não queria abandonar. Teve de ceder porem á declaração muito formal de todos os seus companheiros de que nenhum sahiria d'ali se insistisse no seu proposito.

Ah! mas a viagem d'essa baleeira, como deve ter sido interessante! Como deve ter palpitado o coração d'esses homens quando avistaram ao longe um salvador, que serie de angustias elles não passaram, olhando para o Oceano e não vendo nada, pensando nos companheiros que os esperavam e não tendo nada que lhes levar, nem uma esperança!

Não ponde o *Brasil-Portugal* obter o retrato do piloto que commandava a baleeira, o sr. Gama, mas espera ainda que o seu retrato possa honrar a galeria já longa d'esta revista. O do joven official da nossa marinha que o acompanhou, damol-o n'esta pagina, cedido amavelmente

por seus paes cujo coração rejubila hoje a um tempo de alegria e de orgulho, a alegria de saberem salvo o filho querido, o orgulho de o saberem protagonista de uma d'essas façanhas que houram inolvidavelmente a farda de um marinheiro.

Se começou mal a quinzena, não terminou melhor. N'ella perdeu a sciencia portugueza um dos seus mais brillantes cultores, o dr. Serra-

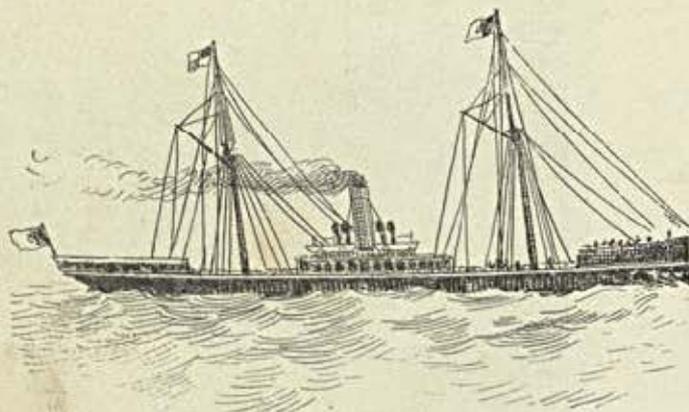


J. Reis, capitão do vapor «S. Thomé»

no, medico distinctissimo, operador afamado e professor muito notave e o exercito portuguez um official muito illustrado *doublé* de um erudito escriptor militar, o major Fernando Maya, lente da Escola do Exercito e professor do collegio militar. Em Paris onde estava ha mezes morreu ainda uma illustre senhora, cuja formosura e primorosos dotes de coração o Brasil e especialmente o Rio de Janeiro tanto conhecia, e cujo retrato figura n'este numero.

Ao longo das nossas paginas encontrarão os leitores gravuras de alguns episodios ainda da estada dos soberanos portuguezes em Londres, e outras das cerimoniaes celebradas no dia 8 em honra da Immaculada Conceição, Padroeira do Reino. Commemorando o quinquagesimo anniversario do dogma, lançou-se a primeira pedra para a construcção de uma Igreja monumento por iniciativa do Cardeal Patriarcha de Lisboa e de uma commissão constituida por senhoras e cavalheiros da aristocracia e da sociedade elegante. Essa cerimonia teve toda a solemnidade. Honrou-a com a sua presença a Rainha Regente, assistiu o Governo e celebrou-a o chefe da igreja lusitana. Só se não realisou uma das cerimoniaes do programma em que primeiro se havia pensado, uma procissão que sahindo da cathedral ao fim do Te-Deum se dirigisse ao local escolhido para a nova igreja e que é no alto da Avenida da Liberdade, no sitio denominado antigamente das Picóas. Prohibiu-a o governo, como medida preventiva de ordem publica e que fez bem, provam-o uns pequenos disturbios praticados n'essa tarde por meia duzia de liberaes que imaginam que a liberdade é só para elles, e explicam-n'o os tristes acontecimentos succedidos n'esse mesmo dia n'uma cidade de Hespanha.

Não vão os tempos propicios á ostentação de forças catholicas ou manifestações de culto externo, com o que de resto nada perde a reli-



O vapor «S. Thomé», que foi a pique no mar Vermelho

gião, a verdadeira, a que apregoou o Christo, aquella pela qual Elle padeceu e morreu! Não era tão pouco favoravel o ensejo para as desatempadas e importunas contra-manifestações liberaes, como as que se haviam projectado n'esse dia em honra do Marquez de Pombal...

Querer misturar o Dogma da Immaculada com o auctoritario ministro de D. José I é pelo menos... erro historico.

No fogo de um baile

Decididamente eram um encanto as tardes passadas em casa da condessa; Ruy pelo menos julgava-o assim e tanto que desde que regressara do estrangeiro, onde passara os seus primeiros annos, todo o tempo era pouco para as suas continuadas visitas ao palacete da estrada do Lumiar. Talvez a expressão meiga dos olhos de Felicia não deixasse de contribuir para a assiduidade de Ruy; contribuia decerto, muito até. A condessa tinha-o notado já e de modo nenhum se oppunha a que as relações entre os dois tomassem o aspecto de intimidade e talvez mais ainda, quem sabe! Felicia tinha apenas dezesseis annos, muito novinha ainda, é certo, mas a mãe promettera-lhe apresental-a na sociedade no anno seguinte e não via inconveniente em fazel-a acompanhar de um noivo de boa familia e que lhe poupasse a ella a tarefa, sempre pouco agradável, de o escolher mais longe. Ruy pela sua parte não se tornava insensível aos encantos de Felicia; mais ainda: exaggerava-os. Julgava ver bondade, franqueza, paixão, — os amantes veem tanta coisa! — nos olhares em que Felicia só punha de seu: indifferença e frieza.

Apreciava n'ella as qualidades que, á força de as desejar, Ruy julgava ver em Felicia, mas que a pobre pequena nem as comprehenderia se as visse em outra pessoa. Amava-a porque se convenceria de que o amor era necessario ao seu espirito e amava-a porque a julgava o ideal que tanta vez sonhara. Amava-a como se fosse um poema seu. Dentro de pouco tempo estavam noivos.

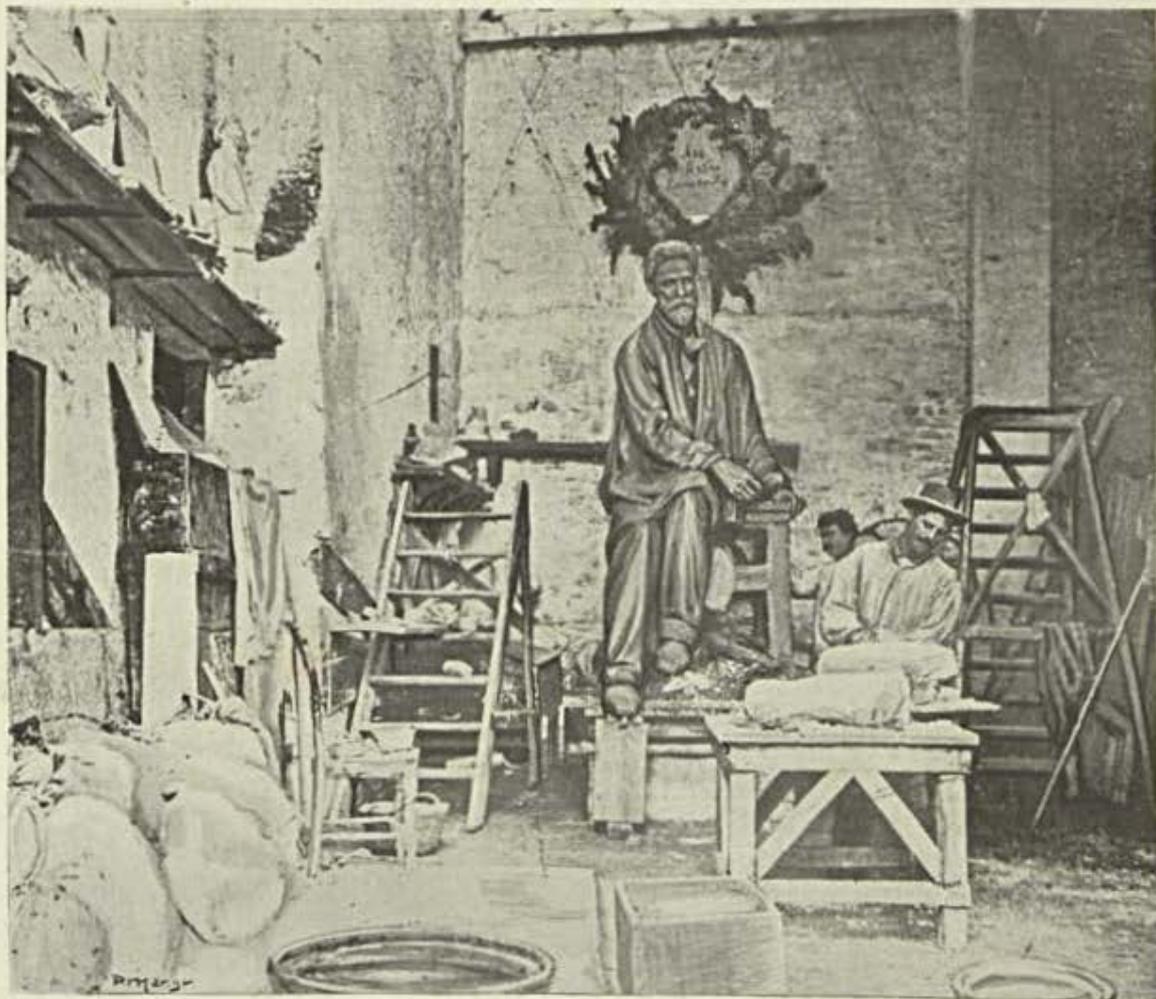
Era raro o dia em que não se encontravam. Logo de manhã cedo o passeio habitual de Ruy era para os lados do Lumiar e lá passava elle por debaixo das janellas do quarto da Felicia, sem quasi perceber que aquellas vidraças se não abriam e que a sua passagem por alli, annunciada na vespera, não conseguia correr os ferrolhos nem levantar as persianas. A's vezes batia ao portão para entregar uma carta. Um dia chegou mesmo a receber de uma creada, que estava á sua espera, á hora em que elle costumava passar, uma carta de Felicia. Ruy abriu-a, leu a soffregamente, sem se lembrar de que ella mesma lhe poderia ter dito tudo aquillo; era che-

gar á janella, levantar-se um pouco mais cedo, mas isso...! Ruy não era exigente. Ainda assim resentia-se dos modos frios que Felicia tinha para com elle. A's vezes, á noitinha, quando ia passar algumas horas junto d'ella, era sempre com tristeza que reparava na pouca franqueza de Felicia. Mas Ruy queria-se illudir.

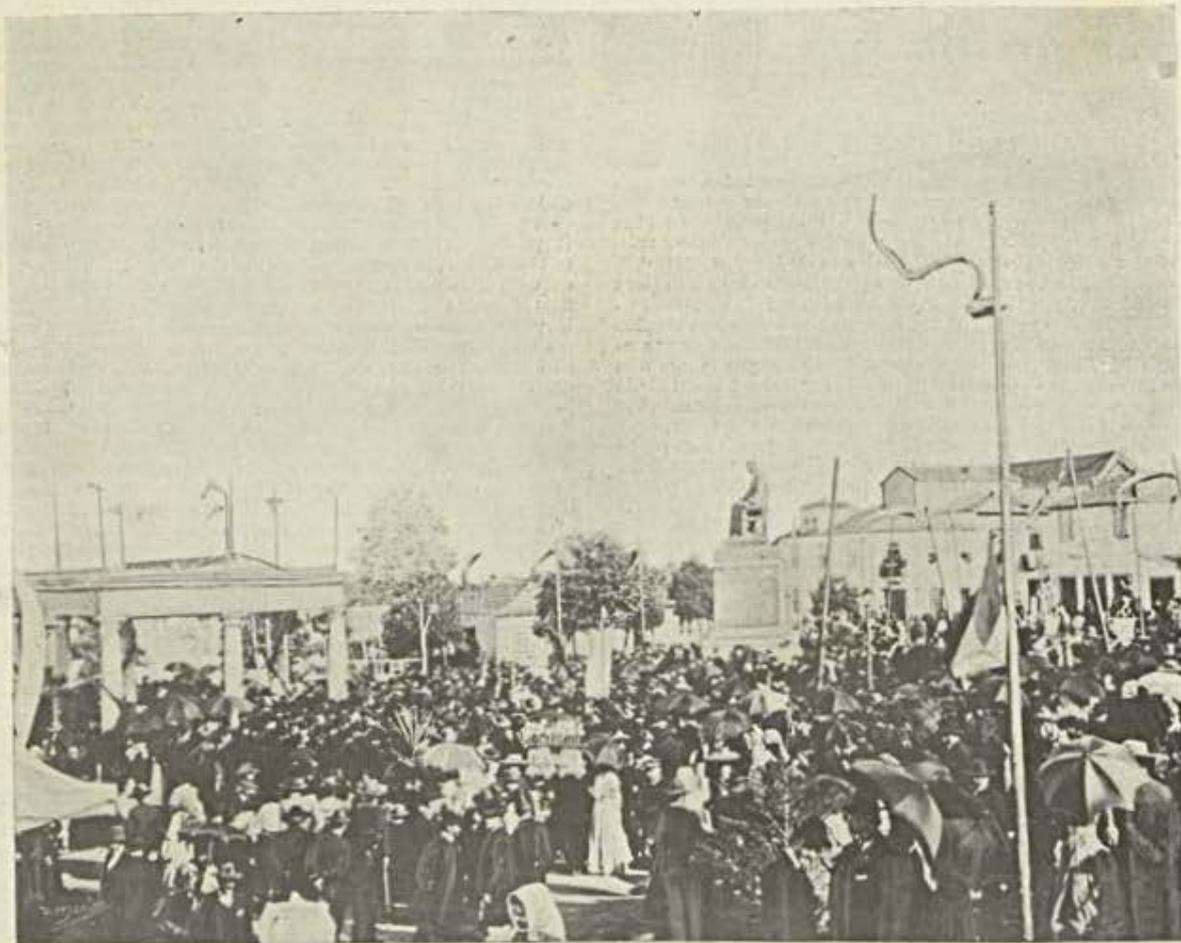
Aquellas *soirées* em familia que elle tanto desejava, eram sempre causa de grandes desgostos. A condessa entretinha-se com as pessoas da sua intimidade, rindo com uns, conversando com outros e sobre tudo com um certo baronete inglez alto, possante, encarniçado e imberbe, que era o objecto particular dos seus *firts*, apesar de ella já não pertencer á primeira mocidade e não ser creança. E Ruy e Felicia ficavam para alli... esquecidos de todos, assentados em uma varanda, silenciosos... elle vivendo em sonhos os encantos de uma vida futura, toda rosas, toda amores... ella fitando na escuridão do arvoredo um olhar indeciso, rigido, em que Ruy via os extasis de uma amante apaixonada, mas em que Felicia não punha de seu senão inconsciencia. Ruy amava, amava com as forças ainda frescas dos seus vinte annos, cheios de esperanças, cheios de vida. Felicia deixava-se amar, sem se oppôr aos transportes de Ruy, mas sem alma, sem energia. Abandonava-se ás suas caricias, sem repugnancia mas sem as procurar. E quando Ruy se despedia, ella estendia-lhe a mão, essa mão coberta de aneis e que elle tanta vez beijara, estendia-lhe a mão n'um gesto apathico, abandonando lh'a como a toda a sua pessoa mas sem se entregar. Ruy percebia-o e soffria, mas em vez de a recriminar a ella, era contra si mesmo que se revoltava por não a ter sabido chamar mais a si e talvez — pensava elle — lhe tivesse causado algum desgosto. Eram então uns accessos de mau humor pela sua estupidez, e pelo caminho, que muitas vezes seguia a pé para calmar os nervos, fazia projectos de lhe pedir perdão no dia seguinte, de contar tudo a Felicia.

Quando a tornava a ver, falava-lhe a esse respeito e ella chorava, chorava lagrimas que elle não sabia explicar mas que o magoavam, lagrimas que nem Felicia comprehendia. E assim se entretinham os dois amantes, vivendo em esferas de pensamentos tão differentes, adivinhando se sem que as suas almas se encontrassem.

Felicia fazia dezeseite annos n'esse dia. A condessa quiz festejar o anniversario de sua filha, abrindo os seus salões para um baile em



A estatua de Soares dos Reis



Inauguração do monumento a Soares dos Reis, no Porto

regra, o primeiro a que Felicia assistia. Desde ha muito já que Ruy esperava esse dia, cheio de ansiedade, esperando ver sua noiva em todo o seu esplendor, orgulhoso de a poder mostrar na sociedade como uma coisa muito sua. Mil projectos lhe passavam pela cabeça. Via-se já no turbilhão da valsa, deslizando em requebros caprichosos, com Felicia muito junto de si, encostada ao seu peito, no *parquet* encerado, sob os olhares de toda aquella multidão de sedas, peitos nus e casacas. E sózinho no seu quarto, alisando as prégas da sua gravata branca, já elle sorria do prazer de a mostrar pelo seu braço como que dizendo:

— E' minha

Ruy que não fizera senão viajar, que nunca tivera amigos íntimos, contentando-se com os conhecimentos de passagem, companheiros de mesa nos hotéis, relações de occasião, conservara sempre um fundo de ingenuidade em questões de amor que elle nunca conhecera. A sinceridade dos seus sentimentos, não contaminados pela convivencia nos meios elevados e parasitas, deixaram ao seu espirito a credulidade, a completa confiança nos que o rodeavam. Ruy não era ciumento e não comprehendia mesmo que alguém o podesse ser. Finda a sua *toilette*, que Ruy cuidou com esmero, ainda

Os mortos da quinzena



Madame Mendes de Almeida

Esposa do dr. F. Mendes de Almeida
director do jornal o «Brasil»

† em Paris a 1-12-1904



Dr. José Antonio Serrano

Professor da Escola Medica

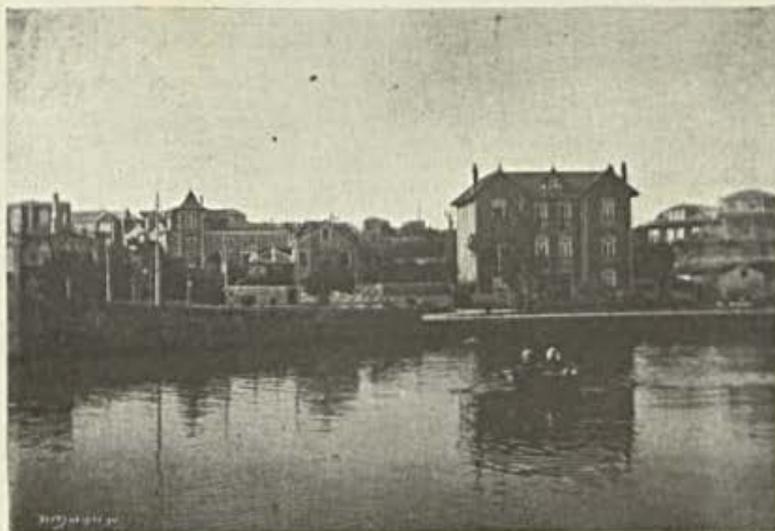
† em Lisboa a 7-12-904



Major Fernando Maia

Lente da Escola do Exercito

† em Lisboa a 8-12-904



PORTUGAL — Vista geral de Leça, tirada de Mattosinhos — Porto

com a ingenuidade de querer agradar pela perfeição do côrte da sua casaca, depois de pregar cuidadosamente ao espelho um ramo de violetas brancas na *boutonniere*, sorriu-se satisfeito de si mesmo e desceu á rua a tomar logar na *coupé* que já o esperava á porta. Partiu recostado ao almofadado da carruagem que subia a trote a Avenida; que sonhos tão lindos que elle não ia desfiando! E os postes dos arcos voltaicos da iluminação negrejavam de quando em quando pelas vidraças abertas das portinholas, illuminando a rua com os raios esbranquiçados da luz electrica que projectava a sombra mofedida da carruagem, até se perder de todo na frente dos cavallos.

A's vezes a figura de um policia, hermeticamente photoado no capote da ordem, as mãos nos bolsos, parecia bambolear pesadamente o corpo. Como o canhão parecia longo a Ruy! Aquella serie de avenidas novas, constelladas de casarões sem arte e pretenciosos; o Arco do Cego a transbordar de carros electricos; o Campo Pequeno com a praça de touros augmentada ainda pelo claro pallido do quarto crescente e emfim o Campo Grande, negro com o seu arvoredo em que os raios da lua se perdiam no copado de cada arvore, no vibrar de cada folha.

Estavam já perto. Mais uns instantesinhos pela estrada e chegavam ao palacete da condessa.

Ruy saltou em terra, espreguiçou as pernas entorpecidas pelo tremer do carro e subiu a pesada escadaria de pedra, illuminada por uma infinidade de candelabros. No vestiario recebeu o numero que o creado lhe entregou em troca do seu casaco, compoz-se ao espelho, amachucou a claque e dispoz-se a entrar no salão. Muitos dos convidados, uma grande parte mesmo, já tinham chegado e na antecâmara escoltada de lacaios que se curvavam reverentes á sua passagem, Ruy ouvia através as grossas tapeçarias do reposteiro, os ultimos accordes de uma valsa *entrainante*, desmaiando nos gemidos da orchestra. Com um sorrisinho satisfeito de quem se sabia esperado, entrou no salão radiante de luzes e de *toilettes*. Procurou com a vista pela assistencia a figura loira da condessa e dirigiu-se para ella através a multidão de pares redemoinhando a valsa que findava. A condessa no seu vestido preto, escandalosamente decotado, os cabellos artisticamente penteados, recebeu o amavelmente e com o seu leque de pennas mostrou-lhe, sorrindo, Felicia conversando n'um grupo de amigas. Esta viu Ruy e veio ao seu encontro, atravessando lentamente a sala com um passo seguro e cadenciado que parecia mais o de uma *mondaine* já feita do que o de uma noviça que pela primeira vez se achava em um baile. Ruy repetiu-lhe os parabens que lhe mandára de dia com uma caixa de cedro encastoadada em prata, lisongeou-lhe a elegancia do vestido ligeiramente aberto no pescoco e a tudo ella lhe agradecia com o seu sorrisinho frio, estendendo lhe a mão com indifferença. Mas Ruy nem reparava; a satisfação de a ter alli ao pé de si, no meio d'aquelle deslumbramento de luzes e de gentes que a admiravam e o invejavam a elle, aquella febre do seu proprio amor era o bastante para se esquecer de tudo, para não pensar, para gozar inconscientemente a sua felicidade.

Pois se elle se sentia bem, para que desvanecer o seu bem estar com ridiculas apprehensões? Não tinha elle tudo o que desejava? Felicia não havia

de ser sua dentro em pouco? E não era isso a maior das felicidades para elle? Então que mais podia desejar? N'esse instante a orchestra preludiava uma outra valsa e Ruy tomou a sua noiva pela cintura e no turbilhão d'aquelle redemoinhar continuo dirigia-a com pericia, todo sorridente, murmurando-lhe palavras apaixonadas ao ouvido, respirando-lhe o perfume da sua cabecita airosa. Felicia recostava-se-lhe preguiçosamente ao hombro, pendia-lhe do braço, flexivel, ligeira, a saltitar, com os seus pesinhos torneados pelas chinelas de seda. Sempre a valsar, Ruy levou-a para uma outra sala onde havia menos affluencia de pares e chegaram-se ambos á varanda aberta de par em par, áquella varanda que elles tanto conheciam, onde passaram noites tão felizes.

Encostaram-se ao peitoril e deixaram-se ficar muito juntos, sem falar, sem dizer nada, separados do baile cuja musica se ouvia ao longe, amortecida pelas tapeçarias. E na quinta as arvores cantavam ao som do vento que lhe sacudia as folhas de mansinho, na escuridão profunda em que as deixara a lua já desaparecida de todo. Era uma d'estas noites escuras mas brilhantes, d'estas noites que os povos orientaes escolhem para as suas lendas.

Felicia sentia-se desmaiar. Aquelle ar fresco da noite cahia-lhe sobre os hombros e refrescava-lhe a carne através do tecido fino da seda. Uma sensação de felicidade material envolvia o seu ser; encostou a cabeça ao peito de Ruy e cerrou os olhos. Elle debruçou-se-lhe ao ouvido murmurando-lhe:

— Felicia!

Debruçou-se ainda mais, juntou a sua bôca á d'ella, resumiu todos os seus sonhos, os seus desejos, toda a sua alma em um suspiro e deu-lhe n'um beijo. Felicia abriu os olhos, viu a escuridão da noite, voltou á realidade e endireitando-se bruscamente, tomou-lhe o braço e disse:

— Voltemos.

— Mais um momento, respondeu Ruy tentando retel-a.

Mas a cabecita de Felicia agitou-se nervosamente n'um signal



BRASIL — Edificio do Diario de Pernambuco

O «Diario de Pernambuco», o mais antigo jornal da America do Sul, pois que foi fundado em 1825 por Antonio José de Miranda Falcão, pertence hoje ao notavel estadista brasileiro, dr. Francisco de Assis Rosa e Silva, que o adquiriu ha apenas 3 annos, e de que é redactor chefe o dr. Arthur Orlando. A estampa que damos representa o edificio do «Diario», um dos mais bellos da cidade do Recife — a Veneza Americana.

negativo. A valsa já tinha acabado. A' porta do salão Felicia deixou o braço do noivo e despediu-se com um: — Até já — glacial como de costume. Ruy voltou para a varanda e ficou-se ali horas esquecidas, tentando prolongar aquelle beijo, aquelle instante, recordando a doce pressão do corpo de Felicia contra o seu peito.

Esperava mesmo vel-a chegar-se ao pé d'elle, ansiosa de revi-

As festas da Immaculada Conceição



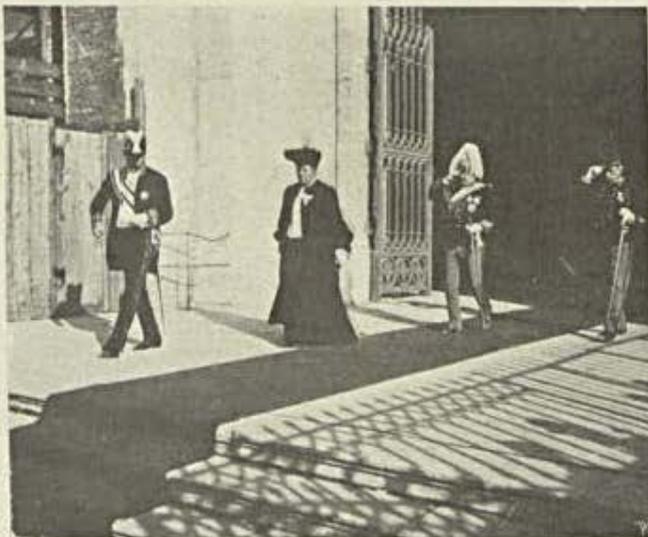
Cliché de A. Lima.

O Te-Deum na Sé

A saída — S. M. a Rainha Regente precedida pelos officiaes-móres e seguida do Ministerio

ver aquelles momentos que duraram tão pouco. Esperou, esperou mais ainda, sem que ella apparecesse. Já sem esperanças voltou para o salão.

Dansava-se. Ruy procurou Felicia com os olhos e viu-a deslizando toda sorridente nos braços de um valsista, petulante com o seu monoculo, segredando-lhe palavras a que ella respondia com acenos de cabeça e risinhos de satisfeita. Ruy sentiu a vista turbar-se-lhe. Não comprehendeu. Uma nuvem de desespero assaltou-lhe o espirito, as pernas traquejaram-lhe e cahiria no chão se se não



Cliché de A. Lima.

O Te-Deum da Sé

A saída — Governador civil, esposa, commandante da policia

apoiasse á hombra da porta. Pela primeira vez na sua vida percebeu o ciúme e a impressão sentida foi tanto mais dolorosa quanto inesperada. Pois qué! era Felicia aquella que alli dansava, a mesma que ainda ha pouco sentira desfallecer nos seus braços, de amor, pensava elle?

Mas então era tudo mentira, Felicia não sentia, não tinha alma,

não tinha coração. E se o tivesse, se conhecesse o amor, como se esqueceria ella tão depressa a ponto de entregar nos braços de outro, com o pretexto da valsa, aquelle corpo que elle queria tão só para si! N'um accesso de raiva ia se precipitar sobre o petulante que a profanava com as suas palavras, com o seu riso, n'um abraço apertado, mas Felicia viu-o de longe e lançou-lhe um adeus com a mão, esboçando nos dentes um risinho de desdem, que Ruy já lhe conhecia, mas em que nunca reparara. Empallideceu n'um momento de desespero, atirou-se com passos largos para o gabinete de fumo, sem mesmo reparar em quem estava, retomou o seu casaco no vestiario e precipitou-se na escadaria, avido de ar fresco, de exercicio, de movimento. Esquecera-se de perguntar pelo seu cocheiro e tomou a pé, apressadamente, sem consciencia do que fazia, o caminho de Lisboa.

O baile continuava sem alteração, sem diminuição da sua febre de redomoinho. A condessa, porém, notou a falta de Ruy e perguntou por elle a Felicia.

— Não sei, mamã, elle é tão esquisito, respondeu ella, passeando a vista pela sala.

A orchestra atacava uma nova dança e Felicia, com o olhar scintillante, estonteado por tanta luz, deixou-se cair nos braços de um convidado que lhe pedia a honra d'aquella valsa.

Entretanto Ruy chegava a casa com a cabeça cheia de um tropel de idéas que o fresco da noite não conseguira dispersar. Ardia em febre, n'uma febre devoradora de pensamentos sinistros e de projectos tragicos. Atirou-se para cima de um sofá, pesadamente, como um corpo inerte, sentindo um prazer selvagem em recordar



Cliché de A. Lima.

S. M. a Rainha Regente

passando na Avenida para a cerimonia do lançamento da primeira pedra da egreja monumento da Immaculada Conceição

um por um, todos os instantes passades em casa da condessa. Na allucinação do seu delirio via Felicia pelo braço de um valsista, rindo, conversando despreocupadamente, enquanto elle se sentia amarrado a uma columna, presenciando aquella scena sem se poder mexer, sem força para reagir. Levantou-se, vestiu á pressa um fato de passeio, desceu á cavallariça e aparelhando elle mesmo o seu cavallo de sella, sahio para a rua a galopar sem destino, ao acaso. O seu pensamento, sempre fito em Felicia, fel-o tomar sem consciencia o caminho do Lumiar. Pouco tempo depois passava por casa da condessa, toda illuminada, toda em festa.

Eram tres horas da madrugada. Dansava-se ainda com animação e a alegria do baile chegava até á estrada, confusamente, n'uma nuvem de harmonia, e pela primeira vez Ruy pensou na hypocrisia, na mentira d'aquella sociedade elegante, avida de titulos e de honras que a distingam do *demi-monde* a que mais parece pertencer. No meio da sua dôr, teve um momento de felicidade: conseguiu desprezar. Com a vista procurou a janella do quarto de Felicia. Lá estava ella, negra, escancarada, deserta. Os labios nervosos de Ruy murmuraram quasi em voz alta:

— Dansa! — e um sorriso de desdem se lhe desenhou no rosto.

Fugiu.

Felicia deliciava-se com o seu triumpho. Uma côrte de admiradores esforçava-se em enche-la de marcas de cotillon, com mil atenções pela sua belleza, pelas suas fórmas. E ella deixava-se arrastar por aquella corrente de prazer, sentindo a superioridade do seu corpo sobre o das suas rivaes, satisfeita de si mesma, saboreando a sua gloria. Nem um pensamento ella teve para o seu noivo.

— Vida! Vida! gritava a expressão desvairada dos seus olhos, o sensualismo bestial de toda a sua carne.

A EGREJA-MONUMENTO



Antes da cerimonia



S. E. o Cardeal Patriarcha, orando



Assistencia á cerimonia



A benção do recinto



Clichs de A. Lima. Primeiras orações de S. E. o Cardeal Patriarcha



A cerimonia do lançamento da pedra S. E. o Cardeal Patriarcha



Cliché de A. Lima A igreja-monumento

O lançamento da pedra — S. M. a Rainha Regente e os ministros do reino e da justiça

Quando Ruy tornou a passar por casa da condessa, já o sol ia alto; já se ouviam os mil rumores da cidade que acorda, que se espreguiça. Os pregões dos vendedores de hortaliça, a melopeia aguda do grito das leiteiras, choto compassado das muaras das carroças, tudo mostrava que a vida recomeçara com os seus trabalhos, com



Rabbino Haham Moses Gaster

Da congregação israelita portuguesa que acompanhou a deputação que em Londres foi apresentar a El-Rei a mensagem da colônia

as suas fadigas. Em casa da condessa tudo dormia. As janellas do quarto de Felicia fechadas, cortinas cahidas, mostravam a Ruy que a sua noiva descansava dos corropios do seu primeiro baile. Talvez estivesse sonhando com todas as bellas phrases dos seus aduladores. Ruy imaginava-se no interior d'aquelle quarto. A um canto, sobre um sofá, n'um redemoinhar de sedas amarrotadas, a brancura do seu vestido, ainda quente do seu sangue, ainda cheio da sua vida. Na mesa de *toilette*, n'uma desordem de acaso, as marcas do cotillon de ha bocado e um ramo, desmaiando n'um vaso, que lhe offerecera o seu par. Tudo fôra deixado por ella, cansada, sem forças para coisa alguma; mas quando acordasse seria um praser e recordar os encantos da vespera, o lembrar-se de cada phrase que lhe disseram ao admirar a petala de cada flor, respirar outra vez a vida d'aquelle sala no perfume de cada rosa.

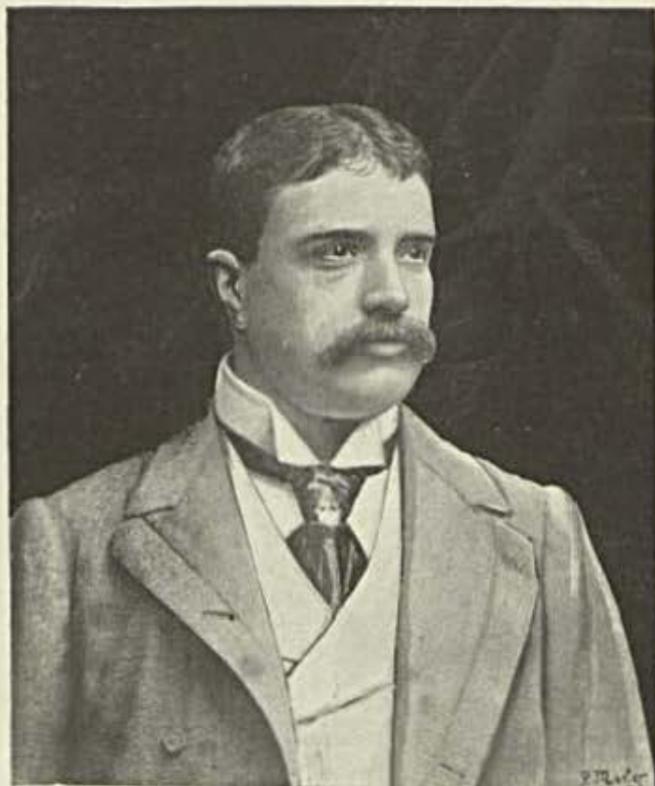
E sobre o leito remexido por um somno agitado, Felicia dormitava, os cabellos espalhados sobre o travesseiro, os braços pendentes fóra dos lençoes, o pescoço nu e os seios levantando compassadamente as rendas da camisa.

Ruy voltou a passo.

Quantos sonhos mortos n'uma só noite, quanto viver em tão poucas horas, quantas illusões perdidas no fogo de um baile!!!

S. João do Estoril, 24 — 10 — 1904.

JORGE DE CASTILHO.



Francis Montefiore

Presidente da deputação dos israelitas que apresentou a mensagem a SS. MM. em Londres

Juramento

Sobre uma cruz, juraste um dia,
Que o teu amor (doida illusão!)
Eternamente duraria...
Mas eu, descrente, eu bem sabia
Que, em taes assumptos de paixão,
A eternidade dura um dia!

Depois do alvôr vem o sol pocto...
Segue-se a noite á luz da aurora...
O gear do inverno ao sol de agosto.
O eterno amor durou uma hora!

Mas eu bem via no teu rosto
A dôr de quem padeco e chora,
Quando me deste esse desgosto.
E' que tu propria não sabias
Quanto é ephemera a illusão
Do eterno amor que me dizias...

Tão fracos somos, que nem temos
Poder do proprio coração,
E nem sequer nos conhecemos!

D. ALBERTO BRAMÃO.

As celebres joias de D. Miguel

Dois dias antes de lhe exigirem a assignatura no documento *superveniente*, já D. Miguel tinha, a 27 de Maio, dado cabal demonstração dos seus intentos, afirmando-os sem nenhuma pressão extranha, e pondo em toda a evidencia o desinteresse, que constituia, como se tem visto, a base fundamental do seu character (1). José Luiz da Rocha era, desde alguns annos, na ultima phase da sua existencia em Portugal, o seu secretario, o substituto do visconde de Queluz, o seu *fac-totum*, em summa. Foi, pois, a este — que era possuidor de toda a sua confiança, de todos os seus valores e de todos os seus documentos, — que elle passou a seguinte procuração:

*Por confiar no zelo, capacidade e bom serviço de José Luiz da Rocha, Nomeio-o Procurador da minha casa, de todos os bens pessoais, que me pertencem para o que lhe mando amplos poderes, encarregando-o de separar das joias e brilhantes d'ella, os que forem pertencentes á Corôa d'estes Reinos, para d'elles fazer entrega, como lhe fôr determinado. O mesmo José Luiz da Rocha o tenha assim entendido, e execute. Paço em Evora, 27 de maio de 1834 — D. Miguel.

Em desempenho d'estes poderes, e para cumprir a ordem de seu amo, José Luiz da Rocha officiou, no dia 29, ao duque da Terceira. Mandou-lhe copia da procuração, declarando "que as joias se achavam na sua mão, e pedindo se lhe garantisse a segurança mandando-as guardar por tropas, que protegessem a sua morada, — que era defronte do Paço do Arcebispo. Communicava, igualmente, ter D. Miguel mandado ordem para Elvas "para que o Thezouro alli existente, tanto da Corôa como de particulares, revertesse para Evora, para, *por elle*, ser feita a separação do que pertencia á Corôa. O assumpto preocupava tanto o governo do regente, que elle constituiu uma das instruções mais recommendadas a Agostinho José Freire quando viera a Evora:

"Os brilhantes da corôa estão no Forte de Lippe; é muito conveniente que venha já pela posta alguma pessoa para os receber, escrevia o ministro da guerra ao collega da fazenda, em carta de Arrayollos, de 29 de maio, ao dar-lhe parte que D. Miguel escolhia Genova para residir, o que a elles "lhes não convinha. Roma, Roma "era melhor. Melhor do que Roma, porém, eram os Estados Austriacos que o Infante recusára terminantemente para domicilio.

Como se vê, tudo, até este momento, é nitido e é publico. Nenhum documento d'estes é furtado á publicidade. A *Chronica*, a gazeta official, reproduz tudo. Os outros jornaes copiam d'alli. O paiz inteiro tem conhecimento do que ocorre. Parece, pois, que tendo-se, desde esse momento, entrado, já sem nenhum entrave, no regimen liberal — que funda principalmente a sua força no conhecimento completo de tudo quanto se ligue com a administração do Estado, os documentos, que são continuação d'aquelles, completarão e illucidarão o mais que se passou. Infelizmente nada d'isso se passou assim! Sabe-se que José Luiz da Rocha entregou tudo, — mas não se sabe ainda hoje, — talvez se não saiba nunca — o que *tudo* isso era! Não se pôde contestar, pois, que a historia, pelo menos quando se tracta d'esta ordem d'assumptos, tem de ficar mais carregada de mysterios. . . do que nos tempos em que a vontade d'um monarcha é que cobria de sombras os factos que se queriam occultar! Assim é que, sendo chegados, n'esta narrativa, a um episodio por tantos motivos interessante; sendo passados tantos annos; tendo se a occorrença, por occasiões varias, levantado no parlamento e discutido na imprensa, nunca, até este momento, foi possível conhecer o documento, que se seguiu a todos os que foram publicados, e em que se reproduzia a relação do secretario e procurador de D. Miguel. E' natural, pôde dizer-se que é seguro, existir esse inventario dos valores tão importantes, em duplicado. O mandatario não libertaria as suas responsabilidades com o mandante sem lhe entregar a copia, authenticada e especificada, d'aquillo de que fizera entrega. Apparecerá essa copia alguma vez? Pôde ser que algum futuro investigador tenha a fortuna de a descobrir. A outra, a que deve ter ficado na posse do Estado, se existe não teve o destino da declaração, *superveniente*, que, em 29 de maio de 1834, se exigiu a D. Miguel, — e que parece houve mais receio de que se desencaminhasse, porque logo foi cuidadosamente archivada na Torre do Tombo. Em todo o caso para escla-

recimento, historico, do valor e importancia das joias que D. Miguel possuia, talvez seja interessante archivar alguns documentos, não de todo indifferentes para a questão. Desenvolveremos, pois, o que se pôde chamar. . . inquerito pessoal. Iremos por partes, e fundamentaremos as deducções.

E' natural suppor que o Infante na sua estada em Vienna adquirisse algumas joias — mas não é presumivel que essas tivessem um valor importante. Em Portugal, por compra directa, n'um periodo de tantas difficuldades e tão agitado como foi sempre aquelle em que aqui permaneceu e governou, tambem não é crível que fossem muito valiosas as suas compras. Feitas estas exclusões, que não podem, por motivos varios, afastar-se sensivelmente da verdade, temos pois, de procurar, primeiramente, a origem, a proveniencia conhecida, d'esse thezouro, que nunca se contestou representar quantiosas sommas. Sabe-se que em Golconda, destruida cidade do Indostão, as sultanas tinham reunido montanhas de pedras preciosas. D. Miguel, porém, não herdára directamente essas riquezas de Dekkan; só herdára de sua mãe e de seu pae, D. João VI. Se formos, portanto, ao inventario que se fez por morte d'estes monarchas, se ahi procurarmos a quota-parte do Infante no formal da partilha, é indiscutível que teremos elementos não para assegurar, por uma tórma positiva, o que o Infante tinha ao embarcar na fragata *Stag*, caminho do exilio perpetuo, — mas, pelo menos,



Cliché Benoit

Everham (Wood Norton) — *El-rei aguardan lo a coça*

conhecereamos, com elementos seguros, uma parte do que elle devia ter. Ora até ao primeiro inventario a nossa investigação pôde chegar — porque alcança ainda o periodo. . . em que o regimen da publicidade não imperava. Em 1833, o ministerio do reino recolheu tudo isso, em duas pastas pretas, que se guardaram nos seus archivos. Dez annos passados, as pastas, que não tinham sido subtraidas ao conhecimento de quem quizesse devassar-lhes o luctuoso ventre, foram mandadas para a Torre do Tombo. Alojaram-nas alli na *Salla dos tratados*, n'um armario de rede, — onde estão ainda hoje — e onde iremos procurar a parte que, para o caso, interessa conhecer.

Primeiramente, e só como detalhe explicativo do que vai lêr-se, convém dizer que os avaliadores das joias que figuravam no inventario de D. João VI, foram Justino Roberto de Sousa, contrastador da côrte, e Feliciano Antonio Nogueira, ourives de ouro e cravador de diamantes. Esteve tambem presente Antonio Gomes da Silva, ourives da Casa Real. Outra explicação necessaria —, para comprehender á primeira verba que tambem vai lêr se, — é ter figurado no inventario, como quantia a receber, — 250.000 libras, ouro. Era dinheiro que estava em Londres, e provinha do resto da quantia 2 milhões de libras, quantia por que tinham sido vendidas as propriedades régias no Brasil. Por ultimo é ainda curioso observar que foi por uma portaria de D. Pedro, mandada do Brasil, que se procedeu ao inventario de D. João VI. O documento merece lêr se. Mostra como o futuro regente então pensava sobre os direitos dos filhos a haverem o que aos paes tinha pertencido. Annos passados, por uma ordem sua, a D. Miguel era retido o que de seu pae lhe provinha. Vejamos, primeiro, a portaria:

*Constando-Me que Meu Augusto Pae de gloriosa memoria,

(1) A annuidade de 60 contos que a concessão de Evora estabelecia no artigo 5.º era uma pequena compensação pelo confisco dos rendimentos da casa do infante.

A receita da casa do infanteado, segundo as contas feitas por João Manuel d'Azambuja e Abreu, em 29 de outubro de 1833, era como segue:

Bens contractados.....	66.611.5000
Bens administrados.....	38.751.352
Juros.....	16.815.697
Tenças.....	74.816.700
	190.973.749

A despesa era:

Encargo com ordenados, esmolas, tenças, juros, etc.....	51.853.524
---	------------



Cliché Benoist Em Londres — Piquete de «Horse Guards» no dia da visita de SS. MM. a Lord Mayor

possua alguns bens próprios, entrando n'este numero duzentas e cincoenta mil libras esterlinas que recebeu de Inglaterra em resarcimento dos bens que possuia no Imperio do Brazil, e dos quaes Eu sou directo Senhor, e sendo de Justiça Universal que os bens Paternos sejam herdados pelos filhos em qualquer parte que estes se achem: Hei por bem que a regencia mande proceder na fórma das leis do Reino a partilhas, não entrando n'ellas os bens que meu Pae possuia e que são pertencentes á Casa do Infantado, os quaes de direito pertencem ao meu muito amado e pressado Irmão o Infante D. Miguel, e se devem pôr á sua disposição, e outro sim Hei por bem Determinar que immediatamente que estejam as partilhas feitas, o que deverá fazer-se com todo o cuidado, promptidão e imparcialidade, se Me partcipe sem demora o quanto Me pertenceu afim de Eu Determinar d'essa Minha propriedade como me Approver.

*A Regencia do Reino o tenha assim entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em 28 de abril de mil oitocentos e vinte e seis — Com a rubrica de S. M. o Sr. Rei D. Pedro IV — (assignado): Lourenço José da Motta Manso.

O documento que agora vae seguir-se, e que, como o antecedente, é inédito, abre com a referencia ás 250.000 libras, da venda das propriedades do Brazil. A D. Miguel era attribuida a 5.ª parte. E' escusado dizer que não lhe sendo entregues as joias, valores

para liquidar, o dinheiro, valor liquidado, com maior força de orgamento, ficou em retenção... permanente.

Folha do que fica pertencendo ao quinhão do Sr.^{mo} Senhor D. Miguel do espolio e herança do Imperador e Rei o Senhor D. João VI

Hade haver o S. S- Infante D. Miguel:

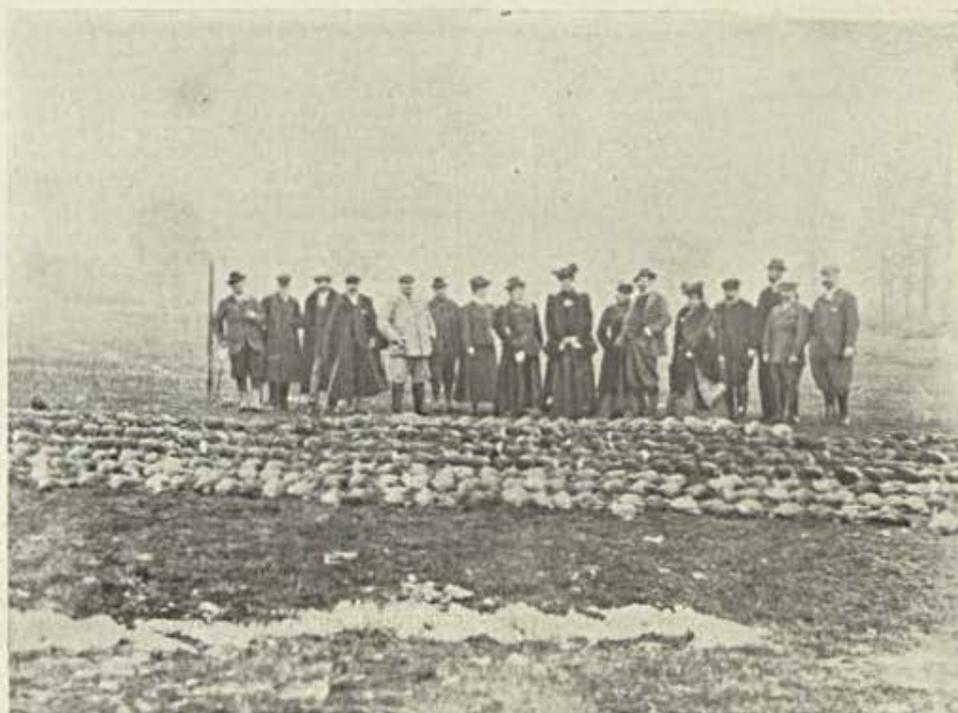
1.ª A 5.ª parte das 250.000 libras — 2.ª 10 acções da Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro — 3.ª Hade haver pelo quinhão que lhe pertence da Somma total da fazenda d'este inventario, composta de joias, dinheiro e ouro e prata em medallas e barras a quantia de réis 116.013\$338.

Em pagamento d'esta quantia lhe cabem as seguintes joias, a saber:

7. Uma faquinha de ouro com um diamante e peza ao todo 32 grãos. — 8. Dois pingentes de diamantes e pesam ao todo 1 oitava e 2 grãos — 9. 1 par de botões de agatha com pedras brancas — 10. 1 dito de brilhantes e pezam 2 oitavas e 18 grãos — 12. 1 dito (annel) pequeno com fórma de coração, de brilhantes e peza ao todo 18 grãos. — 20. 2 aneis de grandes brilhantes, o do mais pequeno peza 18 quilates e 2 grãos, o do maior 26 quilates e 3 grãos. — 21. 1 abotoadura de brilhantes de 22 botões de casaca e de 20 de veste e pesa ao todo 8 onças e 2 oitavas e meia. — 22. 16 camafeus com



Cliché Benoist Nas ruas de Windsor (Inglaterra) Aguardando a saída de SS. MM. da missa, em 20-11-904



Cliché Benoliel

Everham (Wood Norton)

Grupo de El-Rei, S. M. a Rainha, Duque de Orleans e mais convidados examinando a coça (faisões)

os círculos de topasios brancos. — 23. 1 paliteiro de ouro. — 24. Balança e caixa de ouro para pesar brilhantes. — 44. Umhas cadeias de relógio, de brilhantes, pedras azues e perolas. — 47. Outras de brilhantes mais meudos. — 48. 1 presilha de hombro com brilhantes, perolas e pedras azues. — 51. 1 caixa que contém uma guarnição para o *Toison* grande e o *Cordeiro* com os seus raios guarnecidos tudo de brilhantes. — 52. 1 caixa com o Habito grande do *Toison* muito rico de brilhantes muito grossos e peza ao todo 14 onças 2 oitavas e meia (avaliado pelo baixo em 60 contos). — 54. 1 placar de brilhantes da Ordem de N. S. da Conceição de Hespanha e peza ao todo 6 onças e 2 oitavas e meia e 24 grãos. — 59. Placar da Torre e Espada da 2.^a ordem e peza ao todo 5 onças e 2 oitavas e 8 grãos. — 70. 1 par de fivellas de brilhantes da 2.^a ordem e pezam 3 onças

e 1 oitava e meia. — 75. 1 presilha de brilhantes e peza ao todo 1 onça e 18 grãos.

77. Um habito de brilhantes do *Toison* para casaca e pesa ao todo 6 oitavas e meia. — 111. 3 *Toisons* pequenos e mais 5 ditos e mais um que appareceu n'uma gaveta. — 112. 1 relicario antigo. — 121. 1 espadim de ouro crivado de brilhantes. — 128. 1 dito de ouro de côres — 129. Outro de flagrana. — 132. Relogios de esmalte sendo 25 com cadeias de ouro e 1 não a tem. — 133. Ditos de ouro grandes, com fitas e cadeias de aço inúteis. — 192. Uma caixa de tartaruga. — 193. Dita de marfim. — 194. Dita de madre perola. — 195. Dita de Saxonia. — 196. Uma agulha de marear. — 216. Uma caixa com 32 camafeus. — 217. 40 medalhas Romanas e pezam ao todo 5 onças e 3 oitavas. — 218. 16 varias moedas antigas. — 231. Uma



Cliché Benoliel

Everham (Wood Norton) — Casa dos Duques de Orleans



Cliché Deno (el)

Everham (Wood Norton)

El-rei D. Carlos na caçada aos fuisões

medalha do Principe de Gales. — 253. Uma caixa pequena com duas medalhas de ouro e 3 de prata e pezam 5 onças e uma oitava. — 251. Varios retratos valiosos de familia que não teem avaliação na partilha. — 252. 1 medalha de platina de Lord Exmouth sem avaliação, como o que segue:

253. 4 medalhas de bronze. — 254. 12 medalhas de bronze. — 255. 3 caixas de tartaruga. — 256. 3 caixas de raiz. — 257. 1 emblema com caixa de marroquim. — 262. Medalhas: 1 do S. Padre Clemente 3.º e outra de Luiz de Camões. — 263. Uma caixa de tartaruga com o retrato de Sua Santidade. — 266. Varios cascos de joias antigas e varios placards das Ordens e semelhantes restos que ficaram no bahu do Guarda-joias sem avaliação.

MAIS 4800\$000 réis que está n'um sacco onde estão 511 peças de 7800 réis; 110 moedas de 4800 réis em ouro meudo; uma barriña de ouro do toque de 22 quilates e um quarto; 9 medalhas de ouro das quaes uma só é pequena; 33 medalhas de prata e 10 de cobre; uma medalha Grande de ouro do tamanho que costumam ter os Grandes sellos com as armas do Rei Philippe 4.º e anno de 1660 — e mais 417 medalhas das quaes são 75 maiores e 341 pequenas, e todas pezam de ouro 29 marcos 3 onças e 3 oitavas; 257 medalhas de prata, entre grandes e pequenas e com diversos dinheiros antigos que pezam 41 marcos e 3 oitavas; 618 medalhas de prata de dinheiro antigo portuguez que pezam 33 marcos, 4 onças e 4 oitavas; 199 peças de 7800 réis e 2 moedas de 4800 réis; em papel moeda 268000 réis.

E HAVERÁ MAIS o resto que se lhe deve para inteirar este quinhão de joias que é a quantia de 312\$938 réis, que hade receber como tornas.

Quantias que lhe foram Separadas: E haverá além da sobre dita Somma, por lhe pertencer como Senhor da Casa do Infantado, as duas parcelas que foram Separadas e não foram incluídas no acervo commum d'esta partilha, as quaes são:

772\$565 réis que estão separados em um saquinho e tem dentro a nota de ser rendimento do Infantado;

Mais 20.000\$000 réis que se deixaram no Rio de Janeiro no Anno de 1821 e na propriedade do Infantado, e que por isso lhe pertencem, e o direito e a acção de o cobrar, a qual consta da declaração feita no inventario a fl. 144 pelo Guarda-joias Visconde de Villa Nova da Rainha, na fórma seguinte: "A quantia de 20 contos de réis que deixou no Rio de Janeiro em mão de João Rodrigues Pereira de Almeida os quaes eram dos Rendimentos da Casa do Infantado que tinha recebido S. M. que Deus Guarde em Gloria e foram sequestrados e entraram no Erario do Rio de Janeiro."

E por esta fórma hão por inteirada esta folha do que pertence a este quinhão, tanto de herança como do que pertence á Casa do Infantado; e conferida novamente na junta a hão por boa e con fórme a assignam. E eu Joaquim Guilherme da Costa Posser a escrevi em Lisboa 11 de maio de 1827. — (a) Thomaz Antonio Villa Nova Portugal, Antonio Thomaz da Silva Leitão, João da Cruz, Vasconcellos Barbosa de Magalhães, dr. Diogo Vieira de Barroso e Albuquerque, João de Carvalho Martens da Silva Ferrão.

Tal era a lista das joias que D. Miguel herdou de seu pae, — e que se deve suppor existiam todas, ou quasi todas, — menos o dinheiro, que é mais facil de correr — na occasião em que José Luiz da Rocha fez a entrega, separando as das da coíça, — que já em tempo de D. João VI, como se verificou tambem pelo inventario — andavam misturadas. Uma d'essas joias, a mais valiosa, a descrita com o numero 52. **Toison muito rico*, de brilhantes muito grossos, pesando 14 onças e dois oitavos e meio, e avaliado pelo baixo em 60 contos, — sabe-se que existe ainda hoje, assim como o espadim que na lista tem o numero 231. D'aqui deve inferir-se que as outras igualmente existiam — pelo menos, até ao chegar tudo a Lisboa, em 1834, e *na presença do conselheiro do thesouro publico *Francisco de Lemos Bettencourt, de Paulo Martins de Almeida, de *Francisco Gomes da Silva, e de José Luiz da Rocha, se empacotaram, sellaram, lacraram, marcando e exteriormente os involucros *com as iniciaes I. D. M. (Infante D. Miguel.) (1)

Mas as joias que D. Miguel possuía deviam ser ainda muitas mais e de não menor valor. Havia as de sua mãe. — que lhe não foram entregues em partilha, por que o inventario foi concluido depois de 1834 (2) — e havia as que elle devia ter recebido *particularmente* — e que tudo faz crêr representassem um quinhão muitas vezes superior a este — que ainda assim, na epocha e em preços d'inventario, estava avaliado em 116 contos. As referencias que se encontram aos valores enthesourados pela rainha D. Carlota, são numerosas e proveem das mais oppostas origens. Vejamos apenas duas, porque os narradores são ambos miguelistas. Pessoas da casa, pois, melhor do que os liberaes, podem informar-nos sobre o que lá se dizia e se passava.

Temos, primeiro, o Barão de St. Pardoux, que tomou parte nas campanhas em 1833 e 1834, e que d'ellas fez a critica. No seu livro, a pag. 63 e 64, diz:

*Um thesouro de diamantes de grande preço, cujo valor se calculava em muitos milhões, estava occulto no palacio de Queluz, a pouca distancia das duas linhas. Elle (D. Miguel), sómente sabia o logar em que estava depositado; sua mãe antes de morrer, tinha-lhe confiado o segredo, exigindo-lhe que não fizesse uso d'este precioso recurso senão na ultima extremidade. Acompanhado de dois officiaes de confiança, D. Miguel foi uma noite ao palacio de Queluz, d'onde trouxe este thesouro, que destinava para comprar em Inglaterra uma esquadra, bastante forte para luctar com aquella de que o seu adversario se tinha tão facilmente apoderado.

Esta indicação é positiva, é expressiva. O thesouro é de tal importância — que dá para a compra de uma esquadra. Vejamos outro. É o auctor da *Historia Contemporanea* ou *D. Miguel em Portugal*; miguelista tambem, Arsejas. A pagina 375, escreve:

*Diz-se que o senhor D. Miguel fôra ao Paço de Queluz resgatar um thesouro de que Sua Augusta Mãe só a elle havia confiado



Cliché Benoit (el)

Everham (Wood Norton)

Marquez de Soveral, Duquesa de Guise, S. M. a Rainha D. Amélia, Duque de Orleans e um caçador

o segredo; reservando para servir se d'elle, só em caso extremo: parece que o entregára ao general inglez Elliot, para comprar nos Estados Unidos uma esquadra para seu serviço. O ataque do dia 10 transtornou a sabida d'este official que só embarcou mezas depois, ignorando-se até hoje o resultado d'esta missão.

(1) Esta indicação, n'uma das polemicas levantadas a este respeito, foi publicada, em 1849, no *Diario do Governo* de 27 d'abril.

(2) No testamento de D. Carlota Joaquina, D. Miguel teve um lote grande de joias e teve o Ramalhão.



Cliché Benoliel

Em Windsor (Inglaterra) Os soberanos portugueses no regresso da missa

E' escusado salientar as divergencias entre as duas versões, porque ellas ressaltam logo á simples leitura. O que se verifica, porém, d'esta redacção incorrecta, é que Eliot — que era coronel e não general, — ficou ainda muitos mezes em Portugal, depois da noite em que se foi buscar o thesouro a Queluz. Não pôde acreditar-se, portanto, que deixassem, durante tantos mezes, um tão importante deposito na mão do inglez. Nem é de supôr tambem, que, quando elle partiu, mezes passados, ainda levassem as illusões até ao ponto

de lh'o tornarem a entregar — para ir aos Estados Unidos comprar uma esquadra. O que é mais plausivel, é ter-se desistido da compra da esquadra, e o thesouro ser confiado á guarda de José Luiz da Rocha, que o incorporou ao outro. Mais adiante, o auctor do *Portugal Contemporaneo*, — que foi contemporaneo do Portugal do tempo, — conta:

*José Luiz da Rocha, na qualidade de Guarda Joias, depois de ter exigido do duque da Terceira as suas providencias para que



Cliché Benoliel

Uma casa de Windsor (Inglaterra) ornamentada em honra de SS. MM.

mandasse recolher o Thesouro da Corôa, porque perigava em uma crise semelhante, entregava com toda a exactidão todas as joias pertencentes á Corôa, como expressamente lhe havia ordenado D. Miguel. Este príncipe infeliz entregou mais do seu proprio serviço algumas joias, para completar qualquer descaminho que podesse haver! Tanta franqueza e desinteresse lhe fazem honra; chegando a exclamar em *vos bem intelligível* o senhor D. Pedro, quando isto lhe contaram. *isto é proprio de meu irmão*. O dito guarda joias foi pelo senhor D. Pedro conservado no seu emprego, e assim viveu alguns annos em Lisboa, como simples particular. O thesouro da Corôa calcula-se em oito centos contos e as joias em tres mil contos, dizia se faltava uma pedra, porém foi depois encontrada servindo de adorno em um paliteiro; passado tempo foi tudo avaliado e calculado em 2.700 contos, porém o seu valor real deitará a 3.000 contos.

Passaram-se annos, depois d'isto, e em 1850, por occasião do julgamento do jornal miguelista a *Patria*, o dr. Pinto Coelho, legitimista convicto e que por vezes visitou D. Miguel no desterro, discursando na audiencia sobre as joias do D. Miguel, referiu o que era então conhecido sobre o caso — e acrescentou:

“Foi então que o Snr. D. Pedro tomado de tão recto procedimento não pôde deixar de exclamar: — esta é uma acção bem propria do meu irmão. — As joias do príncipe não podiam n'aquelle tempo ser levadas, sem risco, para fóra de Portugal e, por conselho de D. Pedro, foram depositadas no banco até que podessem seguir o seu destino.

Ha n'este trecho duas informações novas a ponderar: a 1.^a é que por as joias não poderem, n'essa occasião, serem levadas, sem risco, para fóra de Portugal é que... soffreram o risco de nunca mais voltarem á posse do seu dono legitimo; 2.^a é que foi D. Pedro quem indicou o deposito no banco, o que, para o legitimo proprietario foi o mesmo... do que se lh'as mandassem depositar no meio da rua! O escrupulo do depositario, sabe-se hoje, não foi até ao ponto de defender o deposito. Deixou que o levasse quem não tinha direito a levantal-o, — tendo, contudo, a singular fortuna de nunca se lhe tornarem effectivas as responsabilidades que os lezados podiam e deviam reclamar-lhe! (1)

J. BARBOSA COLEN.

(1) A respeito do direito que havia a levantar estas joias, fizeram-se ha tempo declarações na camara dos pares, por parte do chefe do governo de então, o sr. Hintze Ribeiro, e do chefe da opposição, o sr. Luciano de Castro.

Politica internacional

Seria indesculpavel n'esta revista, em que quinzenalmente nos occupamos do movimento da politica internacional, deixar de mencionar os dois tratados de arbitragem, que no mez findo foram assignados entre Portugal e a Inglaterra e os Estados Unidos da America.

Por motivos, que são obvios, evitamos systematicamente occuparnos da politica interna portugueza, e por consequencia das questões internacionaes, que com esta politica mais directamente se prendem. Os tratados mencionados, porém, sobretudo um, apresentam-se com tão especial caracter sob o ponto de vista do futuro da nossa terra, que bem merecem constituir excepção ao que até hoje tem sido para nós regra invariavel. De mais, identico proceder seguimos a proposito do tratado de arbitragem hispano portuguez, que n'uma d'estas revistas tambem apreciamos.

Não conhecemos nem vimos ainda publicado o texto do tratado, que se assignou com os Estados Unidos. Provavelmente, a não ser no

preambulo, em pouco differirá do firmado com a Inglaterra. As chancellarias escolheram um modelo para estes instrumentos diplomaticos e d'elle parece não quererem afastar-se, pelo menos por agora. Pena é que assim seja, porque, já por occasião de discutirmos o tratado hispano-portuguez, dissémos que o alcance dos actuaes tratados de arbitragem, que as potencias estavam negociando entre si, se achava muito attenuado, por d'elles se haverem excluido exactamente as questões, que podem provocar um conflicto armado entre os contractantes. Do momento em que pela exclusão d'essas questões vitais fica aberta a porta para o recurso á violencia, é forçoso confessar que o entusiasmo que semelhantes tratados teem despertado não se justifica muito bem. No entretanto, se considerados sob o ponto de vista do seu conteúdo são os tratados de arbitragem sufficientemente platonicos, sob o ponto de vista das tendencias que revelam, e das esperanças que suscitam, teem valor real, que seria injusto amesquinhar. Não ha duvida que estamos longe ainda da arbitragem ideal, que se ha-de applicar indistinctamente a todas as questões, de preferencia mesmo áquellas que actualmente são subtraidas á sua alçada. E' para a obtenção d'esse tratado definitivo que devem convergir todos os esforços dos amigos da paz. Firmado elle, pôde dizer-se que a humanidade entrou na phase ultima do seu progredir, cancelando-se na historia das nações, para não mais se abrirem, as paginas de lucto e sangue, em que *i fratelli hanno ucciso i fratelli* na bella phrase do poeta de *risorgimento* italiano.

Mas para chegar a esse suspirado *desideratum* muitos abrolhos temos ainda de pisar no doloroso calvario, onde vão cahindo uns após outros tantos dos que não hão-de vêr raiar o grande dia... E' a este respeito sinistramente suggestiva a actual guerra russo-japoneza.

Comparando, porém, a tendencia, que os tratados de arbitragem revelam, com o estado violento e cahotico das relações internacionaes até não ha muito, podemos com maior imparcialidade e com mais justiça avaliar-lhes melhor o alcance.

A importancia de convenções como as que agora assignamos com a Inglaterra e os Estados Unidos, reside, já tivemos n'esta revista ensejo de o fazer notar, na entidade que d'ellas está tomando a iniciativa. Emquanto o movimento pacifista se viu apenas entregue ao esforço de particulares, nem sempre bastante cotados para lhe darem prestigio sufficiente e para lhe prometterem exito provavel, a questão da arbitragem entre as nações apparecia como uma d'essas utopias generosas mas vãs, em que o sonho do poeta tinha tanta parte como a concepção do sociologo. Sociedades, ligas, grupos da paz eram pelas chancellarias olhados com desdem compassivo, se é que os *di majores* da diplomacia se dignavam lançar a vista para o que os pobres mortaes estavam construindo na sombra modesta da sua subalterna posição. Verdade seja que alguns d'estes humildes obreiros da fraternidade internacional se chamavam ás vezes Kant, Victor Hugo e Tolstoi. Isso pouco importava. Faltava-lhes a categoria; e é sabido como em questões de protocolo a diplomacia é intratavel.

De repente, porém, tudo muda. O chefe do mais severo autocrismo actualmente existente publica um rescripto, em cujo preambulo se leem as mesmas palavras tantas vezes pronunciadas em vão pelos amigos da paz, e no qual se convidam os governos das diferentes nações a accordarem nos meios de praticamente se pôr termo ao augmento vertiginoso dos armamentos, que arruinam a economia até dos mais florescentes estados, preparando para um proximo futuro em todos elles infidos males e perigosissimas convulsões. Foi sincero este apello de Nicolau II aos reis, seus pares? Ou era apenas uma *fiesta* da diplomacia russa, que encobria qualquer machievelica combinação no seu jogo tortuoso? Houve quem sustentasse com bons argumentos uma e outra cousa, e ainda hoje se não sabe ao certo qual foi o motivo occulto que levou o autocrata de todas as Russias, ou antes os seus conselheiros, a convocarem a conferencia de Haya. Como quer que seja, porém, e quaesquer que tenham sido as limitações postas ao programma da conferencia, que se reuniu na capital da Hollanda, sob a presidencia do fallecido sr. de Staal, é certo que d'essa reunião data um movimento que se torna já hoje difficil sustar.



Palacio do Grão-Duque Alexis Alexandrovitch em S. Petersburgo

Os proprios que mais friamente condescenderam em tomar parte nos trabalhos da Haya, arrastados ao que parece por força invencível, são hoje os primeiros a promover com enthusiasmo o triumpho do principio da arbitragem. Assim, afóra os tratados especiaes, que com caracter mais ou menos permanente as diversas nações estão negociando, a entrega ao tribunal arbitral de Haya da questão entre a Venezuela de um lado e a Inglaterra e Alemanha do outro, e ultimamente o accordo entre a Inglaterra e a Russia, para que o caso de Hull fosse deferido ao mesmo tribunal, provam bem a intensidade que o movimento pacifico vaé adquirindo, mesmo nas regiões governamentais das nações civilizadas.

A este respeito é deveras animador não só como symptoma, mas mesmo como resultado, o apasiguamento do recente conflicto anglo-russo. Com relação ao caso da Venezuela ainda se pó le objectar, que o tribunal da Haya apenas foi chamado a pronunciar-se sobre uma simples repartição de dinheiro, mantendo-se a sua alçada dentro dos estreitos limites d'essas questões secundarias que, conforme a letra dos modernos tratados de arbitragem, não affectam a honra nem a independencia dos estados contratantes. Com o incidente de Hull, porém, o caso é diverso. A honra e interesses vitais da Inglaterra estavam em jogo n'este assumpto. Por parte da Russia tambem o succedido lhe affectava o prestigio e a honra militar. Pois apesar d'isso, e não obstante a gravidade excepcional do ponto em letigio, os dois paizes concordaram em submitter o caso ao julgamento do tribunal da Haya, evitando pela primeira vez o recurso á arbitragem os horrores de uma grande guerra. Porque motivo, dado este precedente, se não ha-de introduzir na letra dos actuaes tratados uma clausula, que torne obrigatoria para todas as questões a arbitragem? Pois se ella foi possivel para duas grandes nações n'uma questão melindrosissima, e no momento em que a opinião publica em ambas estava excitada no mais alto gráo, porque não o ha-de ser em todas as outras circumstancias, que de fórma alguma poderão ser mais desfavoraveis para a sua applicação? Effectivamente será difficil encontrar-se um caso, em que á primeira vista mais inopportuno pareceisse o recurso á arbitragem. Primeiramente a rivalidade entre a Russia e a Inglaterra, ultimamente aggravada ainda em virtude dos incidentes promovidos pela esquadra voluntaria russa na applicação do direito de visita aos navios mercantes inglezes; depois a propria brutalidade e a sem razão do ataque aos pescadores do Dogger-Bank, que pareciam excluir a possibilidade de qualquer composição amigavel; finalmente o tom da imprensa dos dois paizes, que abertamente se pronunciava por um rompimento immediato, tudo isto fazia reczar uma tremenda catastrophe. Pois em condições tão excepcionalmente desfavoraveis pode applicar-se o principio da arbitragem. Não equivalerá esta inesperada victoria d'elle a uma verdadeira prova real, a que foi submettida a sua efficacia?

* * *

Os dois tratados de arbitragem, que acabam de ser assignados com a Inglaterra e com os Estados-Unidos, são qualque d'elles importantes, por especiaes circumstancias que n'elles se dão. O tratado com a Inglaterra é como instrumento diplomatico para sós valioso, por ter sido como que um pretexto para novamente se afirmar em um pacto solemne a aliança subsistente pelos velhos tratados entre as duas nações. Com effeito, dá-se n'este tratado como razão c''elle, á maneira de preambulo (o que o afasta da forma dos tratados congeneres) «o desejo de confirmar por um ulterior e solemne accordo a amizade e aliança que tem felizmente subsistido por tão largo tempo entre as duas nações e querendo ao mesmo tempo eliminar, tanto quanto possivel, das suas mutuas relações tudo o que possa tender a diminuir ou enfraquecer essa amizade e aliança.»

O valor do tratado com os Estados Unidos é tambem realçado pelo facto de por largo tempo se ter recusado a União a celebrar tratados de arbitragem com os paizes estrangeiros, e haver sido Portugal uma das primeiras nações com quem assignou um d'esses tratados. Bastará dizer que ainda os Estados Unidos não teem tratado de arbitragem nem com a Inglaterra, nem com a Espanha, nem com a Alemanha, nem ainda com a maior parte das nações europeias ou americanas. A precedencia de Portugal n'este caso dá um singular realce ao tratado assignado com o sr. Hay. O que é indispensavel é que novos tratados venham para o nosso paiz juntar-se aos até esta data ultimados. Indispensaveis sobretudo se tornam tratados identicos com a França e com a Alemanha, duas nações com as quaes, sobretudo nas nossas colonias, estamos em contacto tão intimo, e com as quaes precisamos evitar todo o attricto nas cordeas relações que com ambas mantemos.

CONSIGLIERI PEDRUSO.

THEATROS

D. Maria — Reprise da *Lua de mel*. **D. Amelia** — Mounet-Sully. Kubelick. Polin e Paulette. **Gymnasio** — Grande e horrivel crime, *aus dos Condes* — Os cem mil diamantes. **Trindade**. **Avenida**. **Principe Real**. **Colyseu dos Recreios** — Mr. Consul.

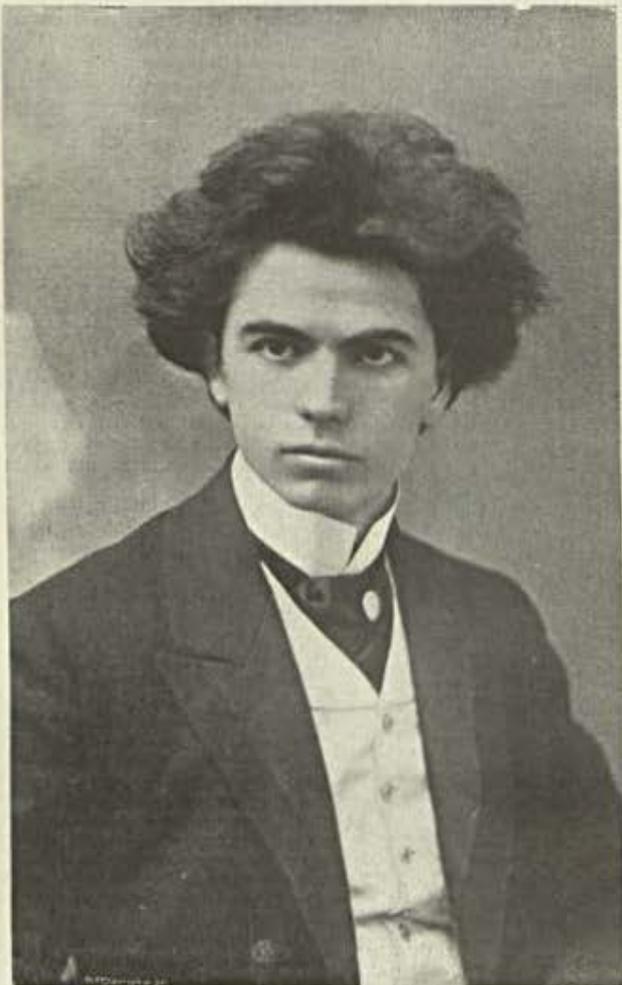
A pesar de velha, por tal fórma remoçou em **D. Maria** a *Lua de mel*, que parece, com effeito, estar na sua lua de mel. A magnifica adaptação do sr. Freitas Branco, deu alma moderna e vigor novo o desempenho confiado a artistas que entram pela primeira vez na peça.

N'ella se estreou Ignacio Peixoto, que confirmou, n'um papel de arte e de observação, os creditos adquiridos n'uma carreira já gloriosa;

n'ella apparecem, pela primeira vez, Cecilia Machado e Jesuina Motilli em personagens a que deram relevo theatral, e ao lado d'estes novos interpretes parece que mais sobressae o valor de Ferreira da Silva e de Fernando Maia, que com Carolina Falco, Augusta Cordeiro e Joaquim Costa, reviveram brilhantemente os seus antigos papeis.

Saiamos do Theatro Normal, para lá entrarmos de novo ao appello de *O Rei Lear*, e penetremos no **D. Amelia**. Foi ás celebridades estrangeiras — quem o duvida? — que pertenceu a ultima quinzena theatral.

Esse elegante theatro da moda foi, como bem diz a *Parodia*, o Olympo, e o visconde de S. Luiz Braga, o Jupiter. E não resta a menor duvida de que, se na mythologia era impossivel encontrar outro Jupiter, é mais impossivel ainda encontrar hoje no theatro outro visconde de S. Luiz. Quem, senão elle, seria capaz de despejar, quasi sem solu-



Kubelick

ção de continuidade, uma avalanche de celebridades sobre Lisboa attonta!

Não tinham ainda os echos do **D. Amelia** cessado de repetir as palavras doloridas, graciosas ou apaixonadas da Hading e do Le Bargy e

*cesse tudo o que a musa antiga canta
que outro celebre artista se levanta*

e eis nos logo em presença de Mounet-Sully.

E agora que passou triumphal pelo tablado do **D. Amelia** a sua tragica figura, que os seus gestos esculpturales, as suas attitudes gregas, os seus gritos pavorosos, o turbilhão da sua alma, os arrancos da sua dôr, deixaram n'uma prolongada tensão o espirito publico, não é fóra de tempo confessar que a primeira impressão causada por elle foi de espanto, de assombro. Dir-se-ia que uma arte nova, cheia de rugidos, de golpes lancinantes, de terror, feria pela primeira vez o espirito d'aquelles cuja sensibilidade só vibrava perante a interpretação das principaes figuras do theatro moderno. E tambem se não deve occultar que entre esses houve alguns que tiveram o mau gosto de... não gostarem. Mau gosto que, aliás, se justifica, quando se pretenda classificar a educação necessaria para, de subito, comprehender nos seus detalhes e nos seus processos toda a arte superior de Mounet-Sully.

Para nós — nenhuma duvida fique sobre isto — o famoso *doyen* da *Comédie* é o supremo interprete da tragédia. O *Oedipe-Roi* é uma criação deveras assombrosa. A expressão violenta da dôr, como ha trinta e quatro seculos a devia ter sentido aquelle desgraçado, ferido

pela colera dos deuses, arrependido do seu crime, cahido da sua magestade, amaldiçoado pelo seu povo, ante o desabamento das suas esperanças, o coração retalhado por todas as amarguras humanas, essa expressão tragica dá-a por uma forma soberana o grande actor francez.

E tanto o seu genero é esse, tanto a sua poderosa individualidade artistica está a vontade n'esses moldes da tragedia classica, em que seria esmagado outro que não fosse elle, que em outras creações do seu talento, no *Hernani*, no *Hanlet*, é essa corda que vibra sempre, a corda tragica, a que nos arrebatava, a que domina o nosso sentimento e provoca a nossa admiração.

Faltava a Mounet-Sully, que tinha a consagração de tantos publicos, a do publico de Lisboa. Teve-a por completo o grande artista e que isto ao menos console o nosso orgulho nacional.

De *Kubelick* já por alto falei na chronica anterior. Antes d'elle, eu considerava uma das falhas da minha existencia não ter ouvido o Paganini; nem sequer levava á conta de compensação o ter, ha annos, observado de perto a sua rabeca prodigiosa, que o *município* de Genova religiosamente guarda.

Essa magua dissipou a a presença de *Kubelick* no theatro D. Amelia. E por uma razão muito simples: porque *Kubelick* é a perfeição suprema. Do mais profundo sentimento á maxima virtuosidade, nenhuma nota, nenhuma vibração da natureza, desde a dôr do homem ao chilrear da ave, desde o rugido do trovão ao sorriso da mulher, que não seja desferida pelo arco portentoso do seu violino. D'essas quatro cordas esse divino artista arranca todas as angustias da nossa alma, faz passar por ellas as torturas do nosso coração, transmite-lhes as nossas lagrimas e as nossas gargalhadas, dá-lhes uma alma como a nossa, faz-as pensar, sentir, chorar, rugir, gemitir, gemer. A sua arte tem um poder tão vasto, que, para classificar-a, são pobres todos os adjectivos da lingua, e, quando extasiados o ouvimos, reconhecemos que a critica tem de emudecer para dar lugar á admiração.

E visto que no theatro D. Amelia é ininterrupta a série das celebridades em voga, não o deixemos sem applaudir esses dois artistas comicos, *Polin* e *Paulette*, cujo original humorismo, cujos processos de arte, Paris consagrou ha muito.

Do publico de Lisboa se apoderaram elles *au premier abord*, tal a graça irradiante, a mascara phisonomica que basta para provocar o riso, o relevo que dá á cançoneta, esse inconfundivel artista que se chama *Polin*, tal o espirito, a malicia, e a encantadora voz com que *Paulette Darty* canta as suas *chansonnettes*, especialmente as *valse* lentas.

Grande e horrivel crime. — Perpetrou-se hontem á noite na Mouraria... perdão, representou-se ha dias no *Gymnasio*, com exito crescente, a engraçadissima comedia em 3 actos, que tem aquelle titulo e que é original de Esculapio.

O poeta popular e espirituoso gazetilheiro trouxe para o theatro a desenvoltura litteraria do seu talento e o encanto peculiar da sua graça.

A comedia em scena no *Gymnasio*, dividida em capitulos, daria um folhetim-charge, em que a reportagem enlaçada com a critica, e a troça de mãos dadas com a observação, deixariam em maus lençoes a imprensa e a policia.

Pelo *savoir faire* theatral, sobreleva aos dois ultimos o primeiro acto, mas todos tres revelam o poder de Esculapio em provocar a gargalhada, a sua extrema facilidade em achar o comico de uma situação e tirar de coisas simples effeitos humoristicos.

Foram estas qualidades dominantes que o publico do *Gymnasio* applaudiu á *chaudés mains*, envolvendo n'esses applausos os artistas que deram relevo á comedia, como Joaquim d'Almeida, um chefe de repartição que deixa a perder de vista todos os seus collegas do Terreiro do Paço, Cardoso, o ex mercieiro, Jesuina Marques e Palmyra Torres, e outros ainda que contribuíram para o completo exito do *Grande e horrivel crime*.

Reabriu emfim o theatro da *Rua dos Condes*, com o qual se não deu felizmente o caso do *Mons parturiens*.

Os *Cem mil diamantes* postos em scena com um deslumbramento desusado justificam por completo o encerramento das suas portas durante alguns dias. E atilada foi essa resolução, porque na febre de theatros e de peças, n'esta crise da abundancia que é tão nociva para alguns, como a dos vinhos para os vinhateiros, era precisa uma peça que salvasse, um prato de resistencia, uma obra de theatro, emfim, que reunisse todos os matadores, que interessasse o espirito e fosse *épatante* para a vista, rica de imaginação, exuberante de phantasia, que tivesse, em summa, como os *Cem mil diamantes*, esse segredo de attrahir toda a gente, agradar a todos os paladares, vencer em toda a linha.

Esse milagre operou o um escriptor modesto, jornalista distincto, o sr. Sousa Rocha, que fez as suas armas na imprensa do Porto.

Se pelos mares encapellados do theatro o seu navio tem singrado, não o sei eu, mas que é timoneiro habil, que conhece bem o *métier*, e que sabe saltar por cima dos obstaculos isso affirmo-o porque vi os *Cem mil diamantes* e comigo o publico de todas as noites que já consagrou com applausos calorosos a nova peça da *Rua dos Condes*.

Foi, não resta duvida, o intelligente actor-empresario, Portulez, quem mais contribuiu para a justiça d'esta consagração. Representando, ensaiando, organisando as massas coraes, multiplicando-se cem vezes por si mesmo, elle foi a acção e a alma do sensacional espectáculo. No desempenho acompanham n'ó com brilho a Mercedes Blasco, a Delphina Victor, o Marcellino Franco, a Isaura Ferreira, e Barros e Salvaterra, que arrancam palmas todas as noites pelo comico relevo que dão ás suas personagens.

Ao luxo com que estão montados *Os cem mil diamantes*, á bella scenographia de Carrancini, e á direcção musical de Paschoal Pereira, se deve uma grande parte tambem no exito alcançado pela apparatusa peça da *Rua dos Condes*.

Na *Trindade*, na *Avenida* e no *Principe Real*, não ha *premières* a registar. As *reprises* estão sendo n'esses theatros a prata

da casa, e pela permanencia em scena das peças tantas vezes applaudidas se apura afinal de contas que essa prata sóa como ouro. E de esperar que nas quinzenas proximas tenha de registar novas peças n'esses tres theatros.

E agora que damos um salto ao *Colysen dos Recreios*... *place au chimpanzé*. E' elle quem tem a palavra dentro ds vasto circo. E' elle que todas as noites mostra a milhares de espectadores que todo o nosso orgulho humano não vale dois caracoés. Valendo mais que muitos consules, que nós conhecemos, este consul *arte-nova* é um representante emerito da nação dos chimpanzês. Do outro mundo envia-lhe Darwin um agradecimento cordeal por elle vir reabilitar o sabio tomando um lugar de honra entre os nossos avós. Pois se *Consul* escreve como nós, come e bebe como nós, toca piano melhor do que eu, veste o seu *smoking*, põe os seus oculos, lê o seu jornal, aperta cortezmente a mão... do proximo, dá palmas como um fino *claqueur*, que distancia ha entre elle e nós, misero genero humano, a não ser a que vae das cadeiras á arena?

Portanto: viva Mr. Consul! Viva o reinado triumphante dos chimpanzês!

JAYME VICTOR.

Commentario

À minha querida prima C. S. G. C.

Acabei-se... a batalha agora é finda,
e eu alcancei uma cruel victoria.
A ventura culpada é illusoria:
só a virtude é boa, e grande, e linda!

A luz do seu olhar, que eu vejo ainda
nas ultimas revoltas da memoria,
era decerto esperança transitoria...
e a dôr viria apoz, medonha, infinda!

Assim, ergo alta a minha fronte agora...
mas cancei-me na lucta esmagadora
em que soffri o que nem sei contar!

e na paz innocente em que ora vivo
só me ficou — não sei por que motivo,
uma vontade immensa de chorar!...

1914

BRANCA DE GONTA COLAÇO.

A "Garantia da Amazonia" e o "Brasil-Portugal"

Nasceram quasi ao mesmo tempo estas duas emprezas, e durante seis annos caminham a par, luctando e vencendo. Estão á porta os dois anniversarios e é de esperar que cheguem a festejar as bodas de prata. Assim seja. A *Garantia*, a mais antiga annunciante d'esta Revista, foi creada em 97, no Pará, e desde logo se fez uma força. Começando com capitaes adeantados pelos iniciadores, em breve reembolsou os capitalistas. Um anno depois as garantias aos segurados passavam de 5.000 contos. Essa verba subiu a 8.000 em 1900, e em 1903 excedia de 11.000!

O *Brasil-Portugal*, que não sabe elogiar-se, tece encomios á sua irmã de trabalho e com prazer irisa o progredir da *Garantia*, cujo capital é formado com os premios recebidos e as rendas accumuladas, e que muito deve á energia e intelligencia dos seus directores. A sua florescencia resalta de um mappa que temos presente. Tomando os numeros de 87 companhias norte-americanas, entre as quizes figuram a *Equitable*, a *New-York* e a *Mutual*, nota-se que a *Garantia da Amazonia* lhes é superior na proporção das sobras (1) e reservas, relativamente aos seguros em vigor — na do excedente annual das receitas sobre as despesas — e na taxa de capitalisação dos rendimentos. A companhia paraense veio prestar a Portugal um grande serviço, chamando a attenção do publico para os seguros de vida, assumptos interessantes como todos os que se referem a casos de economia individual e de previdencia. Entre nós o seu desenvolvimento deve-se em grande parte ao seu director sr. João Lucio.

A *Garantia* e o *Brasil-Portugal* travaram relações á beira do Amazonas, a algumas centenas de leguas do Tejo. Hoje, annos volvidos, o acaso tornou-os visinhos fronteiriços na calçada do Sacramento... sem *réclame*, já hoje superfluo para uma e para o outro.

(1) Sobras são os lucros realizados, a dividir em certos periodos pelos segurados; Reservas as quantias apartadas annualmente para embolsar os beneficiarios nos prazos dos vencimentos ou por morte do segurado.